

O QUE PERMANECE



AUGUSTO LA FERRE

ARS VERBI

O QUE PERMANECE

AUGUSTO LA FERE

O QUE PERMANECE

CÂNTICO DO INTERDITO - LITANIA DO PESO - SALMO DO RESTO

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2025

Créditos

O Que Permanece

Cântico do Interdito - Litania do Peso - Salmo do Resto

© 2015 Augusto La Fere

Publicado por *Ars Verbi*™

Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital

ISBN: 978-65-988749-3-3

Ilustrações

Renata Soriani

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). Esta licença aplica-se ao compartilhamento pela comunidade leitora. O autor mantém os direitos para a exploração comercial desta edição. Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:

- Atribua o crédito ao autor;
- Não a utilize para fins comerciais;
- Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Dedicatória

Àqueles que ficaram
sem promessa.
Aos que carregam
o peso do que não foi levado.
Aos que são dobra,
e não corpo.
— Esta permanência.

“Tudo o que falhou, pesou.
Tudo o que pesou, restou.
E tudo o que restou — permanece.”

— *Giovanna Salastiel*

Sumário

PREFÁCIO.....1

PRÓLOGO.....3

I - CÂNTICO DO INTERDITO.....5

II - LITANIA DO PESO.....39

III - SALMO DO RESTO.....49

POSFÁCIO.....82

PREFÁCIO

por Sergio Olguín¹

Há livros que se iniciam com uma pergunta. Outros, com um gesto. E há livros como *O Que Permanece* — que não começam.

Não há rito de entrada. Não há voz que chame. Apenas o silêncio que já funciona, a matéria que ainda guarda forma, e a linguagem que se recusa a elevar o que falhou.

Reunindo as obras *Cântico do Interdito*, *Litania do Peso* e *Salmo do Resto*, Augusto La Fere constrói uma trilogia radical sobre o gesto interrompido, o corpo não requerido e o resto que insiste em permanecer. Trata-se de um livro que não narra, não clama, não explica — mas carrega. E, ao carregar, sustenta uma forma de verdade que não depende de clímax nem de redenção.

1 **Sergio Olguín (Buenos Aires, 1967)** é escritor, jornalista e editor argentino. Autor de várias novelas, entre elas *Lanús* (2002), *Oscuro monótona sangre* (2010, vencedora do Prêmio Tusquets Editores de Novela), *1982* (2017) e *Los últimos días de Julio Verne* (2023). Criou a série de romances policiais protagonizados pela jornalista Verónica Rosenthal, iniciada com *La fragilidad de los cuerpos* (2012). Fundou a revista *V de Vian* e foi cofundador e primeiro diretor da revista de cinema *El Amante*. Trabalhou como editor de cultura no jornal *Crítica de la Argentina* e colaborou com publicações como *Página/12*, *La Nación* e *El País* (Montevideu).

O que impressiona aqui não é apenas a contenção formal — é a ética da não-exibição. La Fere se recusa a dramatizar a ausência. Em vez disso, inscreve o leitor num espaço onde a ausência é função, e o silêncio, permanência. Cada fragmento, cada verso, cada dobra de linguagem parece ter sido escrito com a gravidade de quem sabe que o gesto, uma vez traído, não se refaz.

É nesse registro que a trilogia atinge sua densidade mais rara: a de uma obra que recusa o sublime, mas se recusa a desaparecer. Como o pano que ainda dobra calor, como a vela que já não ilumina mas ainda cheira a cera, *O Que Permanece* não se oferece ao leitor casual. Ele exige uma escuta sem antecipação. Uma leitura que é, antes de tudo, assentamento.

Há riscos, sim. A repetição do motivo (o gesto falho, o peso do corpo, o resto da voz) por vezes roça a monotonia. Mas é uma monotonia ritual — deliberada, insistente — que transforma o cansaço em forma. E o leitor atento compreenderá: o que parece excesso, aqui, é o próprio campo onde o gesto se ancora.

Ao final, *O Que Permanece* não se fecha. Não encerra. Apenas repousa: como um corpo que já não exige cuidado, mas que ainda sustenta memória; como um livro que, mesmo depois da leitura, continua no leitor — como ruído, como sombra, como vínculo.

PRÓLOGO

Este livro não começa.
Não há rito de entrada,
nem palavra inaugural.

Tudo o que nele se canta,
já falhou.
Tudo o que nele se repete,
já pesou.
Tudo o que nele ainda vibra,
é resto.

Não se trata de silêncio como ausência,
mas de silêncio como função que continua.
De objetos que guardam forma,
mesmo depois do uso.
De gestos que persistem,
mesmo quando não são mais pedidos.
De nomes que já não se dizem,
mas que ainda curvam o ar.

Cada parte deste livro —
o cântico do que não se cumpriu,
a litania do que seguiu funcionando,
o salmo do que ficou —
compõe um corpo que não busca sentido,
nem celebração.

Busca apenas resistir
sem trair o que carrega.

Não há aqui clímax.
Não há lição.
Há peso.

E ao leitor que se assenta,
sem expectativa de desfecho,
é confiada a única forma de vínculo que ainda resta:
o de permanecer.

I - CÂNTICO DO INTERDITO



INVOCATIO

Gesto anterior ao rito. Início não inaugural.

→ *O intervalo que se tornou lugar.*

Não se erga voz.

Nem se prepare chão.

Nenhum passo há de vir do alto.

Nenhuma mão se moverá.

O que havia de ser dito,

não se disse.

O que havia de chegar,

não partiu.

Este canto não chama.

Não clama.

Não eleva.

Respira no intervalo

entre o gesto e sua demora.

Entre o nome e a superfície

que recusou ser escrita.

O altar não foi posto.

A pedra não recebeu unção.

O pano, ainda dobrado,

não se rasgou.

Nada foi negado —
mas tudo foi esquecido.

Se vieste até aqui,
não esperes o rito.
Assenta-te onde termina o uso.
Onde o copo não tem boca,
e a luz acende para ninguém.

Ouves o som do que não se realiza?
É ele que aqui permanece:
um ranger de cadeira,
um sopro quente sem destino,
um risco que não firma traço.

Este é o início que não começa.
Não porque faltou o chamado,
mas porque não se exige mais
aquilo que antes se pedia.

É preciso permanecer.
Não como quem espera,
mas como quem se encosta
junto ao pano esquecido no canto.

Não há promessa.
Só um resto.
Só um silêncio
que ainda aquece o chão.

Se algo vier,
não virá com nome.
Se algo tocar,
não será com mão.
Se algo te tomar,
não será para levar.

Fica.
Sem rito.
Sem selo.
Sem fim.

ESTAÇÃO I

O Nome Que Não Se Dá.

→ *O calor entre os dedos.*

O que viria primeiro era o nome.

Mas o nome não veio.

Não por erro.

Não por esquecimento.

Mas porque o gesto de nomear
já não encontrava superfície.

Antes mesmo do som,

houve a mão.

Uma mão quieta,
não erguida como lâmpada,
não armada como faca,
não espalmada em bênção —
apenas mão.

Entre o gesto e a inscrição,

houve o intervalo.

Longo.

Feito de tentativas mínimas,
curvas no ar,
aproximações que não tocavam.

E ao fim,
nem mesmo o ar quis contorno.
A matéria se recusou a ser nome.
O mundo tornou-se deslizando,
como pele sem nervo,
como barro seco,
como vidro sob véu.

O nome estava ali.
Como semente endurecida dentro da boca.
Como espinho na memória da fala.
Sabia-se que era nome.
Sabia-se que era antigo.
Mas não havia mais quem o recebesse.

Não era nome de deus,
nem de morto.
Era nome de quem um dia
foi chamado à mesa,
nome que já respondeu por um corpo
que agora não se levanta.

Insistir seria quebrá-lo.
Era nome que só podia viver
se não dito.

Era nome coberto de pano.
Era nome que não suportava o ar.

Houve um tempo em que o nome
vinha com o gesto,
e o mundo respondia com forma:
um selo,
um lugar,
um corpo que se virava.

Agora o gesto só encontra eco
no próprio braço,
e o nome,
mesmo inteiro,
se dissolve antes de cair.

Por isso a mão não desceu.
Não pousou em altar,
não traçou no chão.
Ficou suspensa.
Como quem ainda recorda
como se chamava um filho
depois que o filho esqueceu a língua.

Nada foi dito.
Mas um calor permaneceu entre os dedos.
Como se o nome, por um instante,
ainda tremesse ali.

Mas o instante não se cumpre.
E o nome que não se dá
é agora mais pesado
que todos os que se foram.

ESTAÇÃO II

A Fala Reta Que Se Quebra

→ *Alguém disse. Mas a linha se curvou no ar.*

Disse-se.

Não com firmeza,

não com fé,

mas com o esforço daquilo que ainda se supõe possível.

A fala partiu do peito como linha reta,

como quem finca vara na terra,

como quem traça limite entre o agora e o ainda.

Mas o ar não sustentou a linha.

Curvou-se.

Dobrou-se.

Cedeu como madeira velha sob o peso da chuva.

A palavra queria caminho.

Queria pouso.

Queria ser ouvida como são ouvidas as últimas coisas:

com espanto quieto,

com sede,

com reverência.

Mas não havia boca aberta.

Nem ouvido.

Nem corpo poroso o suficiente

para acolher o que vinha com aquela voz.

Foi então que a fala se partiu.

No ar,
não no gesto.
No tempo,
não na boca.

A linha que pretendia ser reta
fez-se curva,
fez-se nó,
fez-se som que retorna à garganta
sem jamais ter saído por inteiro.

Houve quem escutasse?
Talvez.
Mas a escuta não reteve forma.
E o que foi dito,
se foi,
foi como água derramada
sobre pedra quente.

Restou umidade,
não sentido.

Depois disso,
ninguém mais tentou dizer o mesmo.
A fala que se quebrou não é refazível.
Não é questão de repetir.
Nem de reformular.
A fratura não foi de vocábulo,
foi de mundo.

Mesmo assim,
a voz ainda persiste.

Fraca.

Como som de bicho no fundo do quintal.
Como vela que queima no aposento fechado
mesmo depois que todos dormiram.

Ela não é convocação.

Nem canto.

Nem prece.

É o resto do verbo
que não achou costura.
É o fio pendido da roupa já gasta,
que balança no vento,
mas não tece mais nada.

A fala que se quebrou ainda está no ar.
Mas ninguém mais a carrega na boca.

Nem no gesto.

Nem na escuta.

Ela ficou —
não por permanência,
mas por ausência de destino.

ESTAÇÃO III

O Altar Riscado

→ *A pedra recebeu um risco antes do selo.*

Havia pedra.

E sobre ela, silêncio.

Não o silêncio da espera,
mas o daquilo que nunca foi prometido.

A pedra não pedia nada.

Não se abria.

Não brilhava.

Não pulsava.

Era apenas pedra.

Fria.

Baixa.

Um pouco gasta nas bordas,
como quem já suportou pesos demais.

Mas alguém se aproximou.

Não com fé.

Nem com rito.

Com cansaço.

Trazia nas mãos o que restava de um gesto:

um caco,

um ferro,

um fio de unha quebrada.

E com isso —
não consagrou.
Não acendeu vela.
Não traçou cruz.

Apenas riscou.

Foi um risco breve.
Inclinado.
Torto.
Feito sem intenção de ferir,
mas feriu.

Não porque a mão quis,
mas porque a pedra cedeu.
Porque toda superfície que dura demais
acaba por aceitar o corte.

Não houve unção.
Não houve selo.
Mas o altar, mesmo sem nome,
foi marcado.

E aquele risco —
sem forma,
sem rito,
sem símbolo —
ficou.

Não veio ninguém depois.
Ninguém para interpretar,
ninguém para cobrir com pano branco,
ninguém para ungir com óleo ou voz.

O altar ficou como estava:
baixo, frio,
com um risco agora sobre ele
que ninguém pediu,
mas que também ninguém apagou.

Às vezes, o sol passa por ali.
E o risco cintila por um instante.
Não como sinal.
Mas como lembrança do que não se celebrou.

Às vezes, um corpo se senta à beira.
Não para orar,
não para clamar,
mas como quem encosta o peso da tarde
no que ainda sustenta a sombra.

Rasurar não é criar.
Rasgar não é fundar.
Mas o risco é o que restou do gesto.
E o gesto, mesmo falho,
ainda pesa no dorso da pedra.

Ninguém saberá se ali era altar.
Se foi um dia.
Se será.

Mas há risco.
E onde há risco,
há o vestígio do corpo que tentou.

ESTAÇÃO IV

O Corpo Não Levado

→ *Permaneceu sobre o chão. Ninguém veio buscá-lo.*

Estava ali.

Sobre o chão.

De lado.

Com o braço dobrado sob o peito

e a perna caída como se ainda tentasse um passo.

Não havia sangue.

Não havia ferida.

Não havia pressa.

Só o corpo.

Inteiro.

Silencioso.

Na mesma posição em que caiu

ou se deitou —

ninguém saberia dizer.

Não era um corpo sagrado.

Nem profanado.

Nem sequer nominado.

Não trazia marcas de rito,

não vestia branco,

não exalava sentido.

Era corpo.
E por isso, pesava.

Esperou-se que alguém viesse.
Com pano,
com cesto,
com um nome na boca.

Esperou-se toque,
oração,
movimento.

Mas ninguém veio.
Nem os de luto.
Nem os de ofício.
Nem os que carregam e velam e dizem:
“é hora”.

O corpo ficou.
Não por escolha.
Mas porque já não havia quem o levasse.

E o chão,
antes duro,
foi aprendendo a moldar-se a ele.
Fez concavidade.
Guardou o peso.
Acolheu sem gesto.

Ao redor, o tempo não se alterou.
A luz continuou vindo pelas frestas.
Os sons da casa —
se é que havia casa —
seguiram em sua normalidade sem rumor.

Nada se interrompeu.
Nada parou.
Nem mesmo o silêncio.
Que seguia funcionando,
com uma cadência que já não exigia presença.

Em certa hora, alguém passou.
Olhou.
E desviou os olhos.
Não por horror.
Mas por hábito.
O hábito de não precisar mais lidar
com o que já não se move.

E assim, o corpo não foi levado.
Não foi ungido.
Não foi nomeado.

Mas também não se desfez.
Nem cheirou.
Nem gemeu.

Apenas foi ficando.
Cada vez mais fundo no chão.
Cada vez mais distante do gesto.

Quem visse, um dia,
não saberia se ali jazia alguém
ou se era apenas o peso da ausência
com forma de gente.

É assim que termina o cuidado:
não com abandono.
Mas com o silêncio da função esquecida.
Não com grito.
Mas com o corpo que já não convoca gesto algum.

E o chão,
com sua paciência antiga,
seguir abrigando.
Não como túmulo,
mas como lugar onde ninguém mais põe os pés.

ESTAÇÃO V

A Travessia em Suspensão

→ *O passo parou. O caminho esqueceu sua margem.*

O passo havia sido iniciado.

Não com vigor.

Não com destino.

Mas com o ímpeto ancestral de ir —
como quem, ao ver chão,
ainda tenta.

A perna se moveu.

O corpo inclinou-se para frente.

O peso, por um breve segundo,
já não era do lugar onde se estava.

Mas o chão não completou o gesto.

Não foi tropeço.

Não foi barreira.

Não foi súbita parede ou abismo.

Foi ausência.

Ausência de margem.

Ausência de chegada.

Ausência de mundo disposto à travessia.

O passo ficou entre dois tempos.

Já não no antes.

Ainda não no depois.

Ficou ali —
suspense,
sem apoio,
sem impulso,
sem queda.

E nessa suspensão,
o corpo compreendeu:
o caminho se recolhera.

Não para impedir.
Mas porque não havia mais quem o pisasse.

A travessia, antes gesto antigo,
tornara-se excentricidade.
Desnecessidade.
Um esforço deslocado
num mundo que já não pede movimento.

Houve um tempo em que o passo fundava trilha.
Em que a poeira se erguia,
e o horizonte se entregava àquele que ousasse.

Agora,
a poeira não se move.
O horizonte não se oferece.
A linha entre um lado e outro apagou-se
como risca de giz em pedra molhada.

Aquele que tentou atravessar
ainda permanece,
com o corpo levemente inclinado,
com a planta do pé sem firmeza,
com o olhar voltado a um além
que já não responde.

Não volta.
Não segue.
Não cai.

Permanece entre.
Entre o gesto e a terra.
Entre o querer e o mundo.

Talvez o caminho ainda exista.
Mas só em memória.
Talvez a outra margem ainda dure.
Mas não reconhece mais este lado.

Às vezes, sopra vento.
E o vento move a roupa,
e o corpo parece pronto para seguir.

Mas é só ilusão de movimento.
Porque não há para onde.
Nem por onde.
Nem o porquê.

E no lugar onde o passo parou,
criou-se um vão.
Não vazio.
Mas cheio do que não se fez.

Um espaço denso,
ocupado por tudo o que não se atravessa
quando o mundo já não reconhece o gesto.

A travessia suspensa
é o sacramento da hesitação tornada estado.
E o corpo,
que não recua nem avança,
é agora o altar do tempo que deixou de passar.

ESTAÇÃO VI

A Voz Que Voltou Vazia

→ *Foi lançada. Mas retornou sem forma.*

Chamou-se.

Não alto.

Não com urgência.

Mas com o esforço de quem,
em solidão antiga,
ainda supõe que há alguém ao redor.

A voz saiu da boca como fio tenso,
esticado entre intenção e abismo.

Era uma palavra —

ou um nome,

ou talvez só o som que restou do gesto de falar.

Mas era voz.

E foi lançada.

Lançada como pedra em poço.

Como oração sem fé.

Como um sopro que espera forma.

Por um instante,

o mundo pareceu recolher-se.

Fazer espaço.

Curvar-se como ouvido aberto.

Mas não.

A voz seguiu.
Sem encontrar borda,
sem tocar matéria,
sem grudar em superfície viva.

Ela foi,
e —
porque tudo o que vai precisa voltar —
retornou.

Mas voltou vazia.
Não reconhecível.
Não contida.
Não portadora de gesto.

Era som sem corpo.
Era murmúrio desossado.
Era a carcaça da palavra
sem nenhuma memória daquilo que a lançou.

A boca que a emitiu,
ao recebê-la de volta,
não a reconheceu.
E o corpo que a sustentava,
não soube se aquilo vinha de fora
ou se era apenas o próprio silêncio
reverberando dentro.

Porque o mundo —
aquele que um dia devolveu ecos,
aquele que um dia ofereceu resposta —
agora devolve apenas a vibração da ausência.

Não como indiferença.
Mas como função finda.
Como parede que deixou de ser parede,
e tornou-se ar.

A voz, então, deixou de tentar.
Não calou,
mas deixou de buscar forma.

Passou a existir como rumor de coisa nenhuma.
Como barulho de bicho extinto.
Como vento que não dobra folha.

Houve um tempo em que falar era gesto.
Era fazer vínculo.
Era amarrar a existência ao mundo.

Agora,
falar é deixar sair o que não será acolhido.
É ver-se voltando à própria boca
com uma coisa que não é mais voz,
nem fala,
nem nada.

E no lugar onde antes se fazia conversa,
restou apenas o embaciado do ar.
A vibração sem lugar.
O som que não encontra lugar para pousar.

Ainda há quem fale.
Mas já não se espera resposta.
Fala-se como quem sopra cinza:
não para acender,
mas para espalhar o que já esfriou.

E a boca,
cansada de retornar para si mesma,
aprende a repousar.
Não como quem silencia.
Mas como quem já entendeu
que tudo o que volta
volta sem forma.

ESTAÇÃO VII

A Última Inscrição

→ *O gesto de selar já não achava cera.*

Havia, ainda, um gesto.

Não pleno.

Não certo.

Mas um gesto.

Um resto de rito.

Uma lembrança do tempo em que selar
era concluir,
era firmar vínculo,
era dar forma ao que passara pelo mundo.

O gesto veio com lentidão.

Com o cuidado de quem sabe que é a última vez.

Com a hesitação de quem não tem certeza
se ainda vale selar
aquilo que ninguém mais abrirá.

A mão trazia o lacre.

O selo —

seco.

A cera —

ausente.

Havia papel.

Havia dobra.

Havia intenção.

Mas não havia mais matéria quente
onde o selo pudesse aderir.

Buscou-se o calor.

Com sopro.

Com vela.

Com as próprias palmas, roçando uma na outra
como quem ainda acredita
que o corpo pode gerar brasas.

Mas tudo estava frio.

Não morto.

Frio.

Como coisa que se manteve viva tempo demais
e agora apenas repousa por excesso de espera.

Ainda assim, a mão pousou o selo.

Com firmeza.

Com a solenidade que restava.

Mas não aderiu.

Não colou.

Não imprimiu forma alguma.

O gesto se cumpriu —
mas não deixou marca.

Como escrever sobre pedra lisa.

Como beijar boca que já não sente.

Como selar com ausência.

Não era erro.

Era fim.

Era um mundo onde tudo já havia sido selado
ou esquecido.

E esta, a última inscrição,
não veio para dizer.

Nem para guardar.

Nem para encerrar.

Veio para testemunhar
que mesmo quando o gesto tenta,
já não encontra superfície.

Ainda havia documento.

Ainda havia dobra.

Ainda havia vontade de lacrar,
de concluir,
de ofertar um ponto onde tudo pudesse cessar.

Mas a cera —

aquela que um dia escorria quente sobre o papel,
aquele sangue do rito —
já não habitava o mundo.

E o selo, solto sobre a página,
foi levado pelo vento.
Não como recusa.
Mas como leveza.
Como quem já não pesa no tempo.
Como tudo aquilo que, um dia,
serviu —
e depois deixou de ser requisitado.

Não houve assinatura.
Nem testemunha.
Nem leitura.

O que ficou foi dobra sobre dobra,
página sobre página,
peso sobre peso —
sem nome,
sem destino,
sem lacre.

E a inscrição, por fim,
não foi escrita.
Apenas intuída no papel
como cheiro antigo.
Como calor que a cera já teve
quando ainda se acendia vela,
quando ainda se esperava retorno,
quando ainda se selava com intenção.

Agora, tudo repousa.

Não selado.

Mas suspenso.

Como o corpo que não foi levado.

Como a fala que voltou vazia.

Como o passo que não seguiu.

Como o gesto que ainda se tenta,

mesmo quando o mundo já não cede cera.

CÂNTICO INVERTIDO

Encerramento sem lacre. O leitor é quem permaneceu.

→ *O que nunca se cumpriu, mas ficou.*

Não se encerra um canto como este.

Não se ergue voz final.

Não se dobra página com selo.

Não há cera, nem rubrica, nem cortejo.

O que resta,

ao fim,

é o que nunca se cumpriu.

Toda escritura aqui se recolheu antes do traço.

Toda fala, antes da forma.

Todo rito, antes do gesto.

Não se trata de silêncio.

Silêncio é o que vem depois da fala.

Aqui é outra coisa.

É aquilo que não chegou a se dizer.

É o murmúrio anterior à possibilidade do som.

É o fôlego que se contém

não por reverência,

mas porque já não há para quem soprar.

E, ainda assim, tu vieste.
Abriste o que não se fecha.
Acompanhaste o que não caminha.
Escutaste o que não se ouve.
Levaste contigo o que não se imprime.

Tu és o que ficou.
Não como herdeiro.
Não como apóstolo.
Mas como testemunha silenciosa do gesto não requerido.

Nada te foi confiado.
Mas tudo agora te pesa.
Porque viste.
Porque leste o que não se escreveu.
Porque percorreste a matéria desfeita,
a superfície sem nome,
a dobra onde o calor ainda se insinua,
mesmo sem corpo que o emita.

Não há encerramento.
Há permanência.

Não há chave.
Há dobra.

Não há eco.
Há um ruído surdo —
feito da tua própria escuta.

E se ainda levas algo contigo,
que seja o risco não feito,
o passo não dado,
o nome que não se deu,
a voz que não firmou retorno.

Leva-os contigo.
Não como memória.
Mas como traço ausente.
Como marca negativa.
Como vínculo de matéria sem forma.

Tu foste o terceiro.
O que chegou depois da inscrição,
depois da fala,
depois da pedra.

Tu foste o altar final.
Não por consagração.
Mas porque, ao fim,
somente tu permaneceste.

Não digas nada.
Não conclusas.
Não celebres.
Não devolvas.

Apenas
guarda.

E segue com o que não se leva.

II - LITANIA DO PESO



SEÇÃO I

Peso da Matéria

1.

Cadeira,

tu que ainda conservas a marca do corpo —

por que não cedeste à leveza?

A madeira já range sozinha,

como se o gesto ainda se sentasse.

2.

Pano dobrado,

agora endurecido no vinco,

sem calor, sem dobra nova —

como sustentas o peso do que não cobres mais?

3.

Copo seco,

com a borda marcada de boca que não retorna —

a poeira dentro de ti

é o único líquido que o tempo deixou.

4.

Pedra do altar,

já não riscada —

mas com o risco esmaecido

como cicatriz de quem foi tocado

sem jamais ser lembrado.

5.

Ferro da lâmina,
sem corte,
sem brilho,
sem intenção —
mas ainda pesa como se fosse necessário.

6.

Toalha sobre a mesa,
imóvel desde a última refeição —
ninguém a dobra,
ninguém a sacode,
mas ela segue protegendo
o que não será servido.

7.

Cinza na base da vela,
ainda morna,
ainda colada ao prato —
ninguém limpou
o que não arde mais.

8.

Chão junto à porta,
polido por passos antigos —
ninguém entra,
ninguém sai,
mas a madeira ainda carrega
o brilho da espera.

9.

Trapo no canto.

Ninguém mais o usa.

Mas ele permanece ali —

como se tivesse esquecido de pedir demissão.

10.

Prato com lasca,

descansando sobre o armário —

foi limpo,

mas carrega o risco de quem o segurou com pressa.

11.

Dobradiça enferrujada,

que ainda canta ao menor toque do vento —

a porta não se move mais,

mas tu ainda ranges,

como se alguém fosse sair.

SEÇÃO II

Peso do Gesto

12.

Mão que se levanta no escuro
quando o corpo vira de lado —
não para acender,
não para tocar,
mas porque sempre se ergueu.

13.

Lâmpada apagada
que ainda recebe o toque do interruptor,
mesmo quando ninguém espera luz.

14.

Pulso que roça a borda do copo.
A mão não pega,
mas sente o frescor da cerâmica
como se ainda houvesse sede —
ou boca que se lembrasse.

15.

Passo junto ao batente,
com a pausa precisa
de quem cede passagem —
a ninguém.

16.

Mão que alisa o pano sobre o colo
como se ali houvesse dobra a ser corrigida —
mas o tecido é só memória do uso.

17.

Faca que gira na mesa,
sem corte,
sem refeição,
mas ainda repousada no lugar de sempre.

18.

Voz que quase diz —
e desiste.

O ar não vibra,
mas o peito ainda acredita que sim.

Talvez não seja nome.
Talvez seja só saudade que não aprendeu a calar.

19.

Olhar que se volta ao relógio
que parou há meses —
não para ver a hora,
mas porque o tempo, de algum modo, ainda pulsa.

20.

Braço que se estende ao outro lado da cama —
mesmo quando a ausência já se tornou lençol.

21.

Mão que acaricia a dobra do livro fechado,
sem intenção de abrir —
só para manter o vínculo com a página que não se volta.

22.

Corpo que se curva ao final da tarde,
sem cansaço,
sem tarefa,
só porque aprendeu que ali era hora de repouso.

SEÇÃO III

Peso do Tempo

23.

Relógio parado sobre a estante —
ninguém o conserta,
mas todos ainda o olham ao passar.

24.

Vela gasta que exala
um cheiro seco de cera antiga —
como se o lume ainda rondasse a casa.

25.

Espelho embaçado
no quarto onde ninguém mais respira —
mas que ainda devolve contornos de rosto
quando passa a manhã.

26.

Sombra sobre o piso,
idêntica ao que foi ontem,
e antes de ontem —
como se o corpo ainda a produzisse.

27.

Dobras no lençol,
já frias,
mas intactas —
como se alguém ainda deitasse tarde,
e saísse cedo.

28.

Marca de mão na porta,
à altura exata do impulso para sair —
ninguém a limpa,
ninguém a refaz,
mas ela segue ali,
lembrando o gesto que não voltou.

29.

Chave pendurada no gancho —
não tranca nada,
não abre porta alguma,
mas ainda balança ao vento.

30.

Costura desfeita no punho da camisa —
ninguém veste,
ninguém remenda,
mas o fio solto insiste em lembrar o tempo do corpo.

31.

Prego enferrujado na parede vazia —
o quadro já não pesa,
mas o furo ainda divide o espaço.

32.

Janela entreaberta,
mesmo sem mão que a empurre —
como se o vento,
por hábito,
ainda esperasse entrada.

33.

Resto de calor no pano esquecido —
ninguém o cobriu,
ninguém voltou,
mas o tecido ainda guarda
o silêncio de um corpo que demorou a esfriar.

III - SALMO DO RESTO



EXCERTO DE ABERTURA

(Epígrafe litúrgica)

“E tudo o que se cumpriu, não se desfez.
Porque restou no pano,
e no corpo,
e na dobra do dia.”

SALMO I

Da Dobra que Não Desaparece

Havia um pano.

Não o pano do gesto,
nem o pano do peso.

Era só dobra.

Uma linha macia, calada,
marcada por calor antigo.

Ninguém mais o usava.
Ninguém lembrava por que fora deixado.

Mas a dobra estava ali —
ainda úmida,
ainda encurvada,
como se tivesse corpo.

Não há rito na dobra.

Só o que resta do que foi um dia cuidado.

E isso basta
para que o pano ainda pese no canto
como coisa viva.

SALMO II

Do Cheiro no Ar

Há cheiro.

Não se vê,
não se aponta,
não se nomeia.

Mas ele vibra na esquina da sala.

Mistura de vela que queimou,
pão que ficou inteiro,
poeira do copo.

A casa está vazia.

Mas o ar, por dentro,
ainda sustenta presença.

Ninguém o sente à primeira entrada.

Mas quem senta,
quem permanece,
quem respira sem buscar —

sabe:
o que queimou deixou raiz.

E o que não se cumpriu,
agora perfuma.

SALMO III

Do Nome que Ecoa em Dobras

Não se ouviu o nome.

Não se ouviu.

Não se ouviu.

Como se o ar ainda vibrasse a sílaba
de um chamado esquecido.

Alguém passou.
Não disse nada.

Mas o pano no sofá dobrou-se.
O vento bateu leve na maçaneta.
O espelho escureceu,
como se quisesse escutar.

Há nomes que ninguém deu.
Mas que deixaram som.

Eco de nada.

Resto de invocação.

Palavra que o tempo deixou aberta
mesmo sem boca para dizê-la.

SALMO IV

Da Marca no Chão

No lugar onde alguém costumava ajoelhar,
o chão afundou um pouco.

Não foi rachadura.
Nem desgaste.

Foi um peso que se repetiu,
uma curva do corpo sobre o tempo.

A madeira cedeu.

Agora ninguém se curva mais.

Mas a marca ficou.

Como quem ainda aguarda joelhos
que não virão.

SALMO V

Do Peso no Armarinho

No armário de cima,
um copo antigo vibra levemente com o vento.

Ninguém o usa.

Mas ele soa,
de quando em quando,
como se uma mão esquecida ainda o procurasse.

Não há cerimônia.

Mas há peso.

Um ruído quase imperceptível,
como quem lembra o gesto de brindar,
mesmo sem ninguém.

SALMO VI

Do Ruído Que Persiste

À noite, a cadeira ainda estala.

A casa está vazia.

Mas há esse som —
madeira tensa,
parafuso cansado,
lembrança de um corpo leve.

Ninguém pisa.

Mas o piso responde.

Como se o silêncio fosse só o intervalo
entre dois passos que não se deram.

SALMO VII

Do Corpo Que Já Não Pesa

O travesseiro afundou,
e ninguém tocou desde então.

Não se fala disso.

Mas quem passa pelo quarto
baixa um pouco o tom,
como se o rosto ainda estivesse lá.

SALMO VIII

Do Objeto Que Não Reclama

A chave, esquecida no bolso do casaco,
ainda acompanha o tecido.

Ninguém a usa.

Mas ela vibra no caminhar,
como se quisesse lembrar que há portas.

Talvez nem haja mais.

Mas a chave não acusa.

Ela apenas insiste.

SALMO IX

Do Que Resta na Voz

No quintal,
alguém assobia um pedaço de melodia antiga.

O vizinho reconhece.

Mas ninguém diz nada.

Há músicas que não precisam de refrão —
só de ouvidos que não desaprenderam.

SALMO X

Do Fio Que Não Se Rompeu

Embaixo da mesa,
um fio de linha pende do tecido rasgado.

Não sustenta nada.
Não costura.

Mas ainda está ali —
branco,
enrolado,
lembrando que um dia tudo esteve unido.

E que mesmo desfeito,
há restos de ligação
que preferiram ficar.

SALMO XI

Da Porta que Range Sozinha

A porta não abre.
Ninguém a toca.
Mas à noite,
o vento a recorda
com ruído breve,
como se alguém entrasse
sem corpo,
sem voz,
sem destino.

O vão não muda.
O batente não cede.
Só o som insiste,
lembrando o gesto
de abrir o que já não precisa ser aberto.

SALMO XII

Do Vidro Opaco

Na janela,
o vidro perdeu a transparência.
Não se vê para fora.
Não se vê para dentro.

Ainda assim,
uma sombra atravessa
como se houvesse passagem.

É sempre a mesma.
Sem rosto.
Sem forma.
Um risco de ausência
entre a luz e o ar.

SALMO XIII

Da Cinza que Escorre

Na lareira apagada
a cinza escorre lenta.
Não é brasa.
Não é lume.
É só memória de chama
descendo ao chão.

O vento toca,
levanta pó.
Mas o pó não acende.
Só recobre
o que já não queima.

SALMO XIV

Do Prato Vazio

Sobre a mesa,
um prato permanece.
Não tem comida.
Não tem gesto.

Mas o brilho gasto da cerâmica
ainda devolve
a pressa de mãos antigas.

Quem olha desvia.
Não por fome,
mas porque o vazio
pesa mais
que qualquer alimento.

SALMO XV

Da Goteira Constante

No teto,
a goteira insiste.
Não há chuva.
Não há rio.
Mas a água pinga,
como se lembrasse
um céu antigo.

O som repete.
O chão mancha.
E quem passa acredita
que o tempo inteiro
se resume a essa queda
inútil,
mas fiel.

SALMO XVI

Do Espelho Rachado

O espelho não devolve rosto.
A rachadura atravessa o vidro
como cicatriz de tempo.

Quem passa diante dele
não se vê inteiro.
Vê-se partido.
Vê-se sombra.

E aprende a carregar
um reflexo quebrado
como se fosse memória.

SALMO XVII

Da Sombra no Batente

À tarde,
a sombra se deita no batente.
Não vem de corpo.
Não vem de vela.

É sombra sem origem,
mas cumpre presença.

Quem cruza a porta
diminui o passo,
como se ainda houvesse alguém
ali, esperando.

SALMO XVIII

Do Relógio Estalado

O relógio não marca horas.

O ponteiro caiu.

A corda cedeu.

Mas no fundo de sua caixa

um estalo se ouve,

como se o tempo

ainda respirasse.

Não é minuto.

Não é segundo.

É só rumor de coisa

que já não precisa medir.

SALMO XIX

Da Vela Fria

A vela não arde.
O pavio é pedra negra.
Mas o cheiro seco da cera
ainda ronda a sala.

Ninguém acende.
Ninguém sopra.
E mesmo assim
o ar carrega lume antigo,
como se o fogo,
mesmo morto,
recusasse partir.

SALMO XX

Do Lençol Amarrotado

No quarto,
o lençol guarda vincos.
Ninguém dormiu.
Ninguém tocou.

Mas a dobra permanece,
calor ausente ainda marcado.

Quem entra
não fala.
Só reconhece no pano
um corpo
que já não pesa.

SALMO XXI

Da Chave Enferrujada

A chave não abre porta.
Não fecha nada.

Pende no gancho,
torta,
escura,
sem uso.

Mas ao menor vento
balança leve,
como se recordasse
o gesto de girar
em fechadura esquecida.

SALMO XXII

Do Ferro Quebrado

Um pedaço de ferro,
sem forma,
repousa no canto.

Não corta.
Não prende.
Não sustenta.

Mas sua ferrugem
espalha cheiro de chão molhado,
como se tivesse guardado
chuvas inteiras
dentro de si.

SALMO XXIII

Do Passo Interrompido

No corredor,
um passo ecoa.
Não há corpo.
Não há sapato.

Só o som de sola
que não completa caminho.

O eco volta sozinho,
como se a casa
quisesse fingir
que alguém ainda a percorre.

SALMO XXIV

Da Madeira Estalada

A cadeira não suporta peso.
Mesmo vazia,
estala ao anoitecer.

Não chama.
Não oferece.
Só lembra,
com rangido breve,
que já recebeu corpo
e agora sustenta ar.

SALMO XXV

Do Vento Sem Janela

Há vento na sala.
Mas as janelas não se abrem.
As frestas não existem.

O ar move cortinas
que não estão mais lá.
O pano ausente ainda se ergue
na lembrança de sopro.

Quem passa sente frio,
não por corrente,
mas por memória
do que já não sopra.

SALMO XXVI

Do Eco no Quintal

Alguém chamou.

Não havia boca.

Não havia voz.

Mas o quintal devolveu eco,

como se ainda houvesse

nome por dizer.

O ar tremeu vazio.

E quem ouviu

não respondeu.

SALMO XXVII

Do Fio Desfeito

No punho da camisa,
um fio solto.

Não veste.

Não protege.

Não se costura.

Mas insiste em pender,
lembrando que o tecido
um dia foi inteiro.

SALMO XXVIII

Do Livro Fechado

Na estante,
um livro repousa.
A capa gasta.
A dobra firme.

Ninguém abre.
Ninguém consulta.

Mas ao toque breve
o pó levanta,
como se páginas
ainda respirassem palavra.

SALMO XXIX

Da Voz Murmurada

No escuro,
um murmúrio.

Não é canto.

Não é fala.

Não é reza.

É só resto de voz,
perdida na garganta
de quem já não está.

Mesmo assim,
o ar ainda vibra,
como se guardasse segredo.

SALMO XXX

Do Nome Apagado

Na pedra do quintal,
um risco antigo.

Era nome.

Era traço.

Era memória.

A chuva apagou.

O sol gastou.

O tempo alisou a superfície.

Mas quem passa
ainda sente que ali
houve palavra,
mesmo sem ler.

EPÍLOGO

Não se encerra um canto como este.
Apenas se percorre de novo,
como quem relembra um gesto
que não se cumpriu —
mas ficou.

POSFÁCIO

A Permanência do Gesto

por Eduardo Sterzi²

Este livro que agora se encerra — *O Que Permanece*, de Augusto La Fere — não é um objeto que se oferece facilmente à leitura. Ele exige um pacto diferente. Desde o início, somos confrontados com a sua natureza essencial: a de um gesto que não convoca. Um gesto que, sabendo de antemão que o seu cumprimento já falhou, abdica de toda expectativa de resposta. E é precisamente nessa abdicação que ele encontra a sua força paradoxal. O que falhou não se dissolve; ele se transforma em peso, em dobra, em presença opaca e incontornável.

A trilogia que compõe esta obra — *Cântico do Interdito*, *Litania do Peso* e *Salmo do Resto* — opera uma transmutação literária rara. La Fere não tematiza a falta; ele a encarna em sua linguagem. A ausência, aqui, não é descrita, mas carregada como uma matéria densa. O vazio não é dramatizado, mas sustentado pela prosa, que recusa

2 **Eduardo Sterzi (Porto Alegre, 1973)** é poeta, ensaísta, crítico literário e professor de Teoria Literária na Unicamp. Publicou os livros de poemas *Prosa* (2001) e *O aleijão* (2009, vencedor do prêmio *Alphonsus de Guimarães*), o volume de peças *Cavalo sopra martelo*. *Teatro político* (2011) e os ensaios *Por que ler Dante* (2008), *A prova dos nove: alguma poesia moderna e a tarefa da alegria* (2008) e *Saudades do mundo* (2022). É coeditor das revistas *Cacto* e *K – Jornal de Crítica* e organizador de *Do céu do futuro: cinco ensaios sobre Augusto de Campos* (2006).

sistematicamente o consolo de uma redenção. Em seu lugar, oferece-nos uma linguagem que, ao virar as costas para o rito, torna-se o corpo vivo do próprio esvaziamento. Cada volume explora uma faceta desta condição: o início impossível, a repetição inútil, a vibração do resto. São movimentos de uma mesma sinfonia do silêncio.

Diante disso, o ato de ler se transforma. Ele deixa de ser uma busca por sentido para se tornar um exercício de permanência. É necessária uma leitura que não interpreta, mas que se assenta; uma escuta que não espera uma culminância, mas que se abre para as dobras do texto; um leitor que, abdicando da vontade de decifrar, concorda em simplesmente ficar — ficar ao lado do que falhou, sem a necessidade de o curar ou exorcizar. Esta é uma obra sem centro, sem um eixo narrativo que a impulsiona. Ela repousa. E nesse repouso, adquire a densidade monumental daquilo que, tendo recusado a lógica da elevação, existe como testemunho puro do inacabado.

Ler *O Que Permanece* é, portanto, atravessar uma liturgia invertida. Em seu ritual, nada é santificado, nenhuma voz é invocada, nenhum pacto é firmado. E, no entanto, algo de profundo acontece. Ao fecharmos o livro, descobrimos que algo em nós foi tocado pela permanência do que deveria ter passado. Algo que não se retira.

É por isso que esta obra, no fim das contas, importa tanto. Ela não brilha. Não chama. Não seduz. Ela vibra, sutil e persistentemente, para aquele que ainda guarda, no silêncio da sua escuta, o corpo intacto do mundo.

Nota Biográfica

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo *Ars Verbi*TM, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se *O Legado*, *Clown*, *Cartas para Ninguém*, *Cinza de Bronze*, *Silêncio Alto* e *Antes que Derrubem*. Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

COLOFÃO

Este livro foi composto em EB Garamond, projeto tipográfico de Georg Duffner (2008), inspirado na Garamond renascentista talhada por Claude Garamont (c. 1480–1561), em Paris. Mesmo em meio digital, optou-se por uma forma que recuse o brilho.

Finalizado em Lapa, Paraná, Brasil, selo Ars Verbi™, outubro do ano de 2025.

O texto foi tratado como corpo —
não como interface.

Nada neste livro busca elevar.

Tudo foi disposto para permanecer.

